

14815 - Agroecologia na Bahia: dos "malucos" à institucionalização e lutas

Agroecology in Bahia: the "crazies" and struggles to institutionalize

OLIVEIRA JUNIOR, Altino Bomfim¹; LAMINE, Claire²;
SANTOS JUNIOR, Waldemir Pedro dos³

1 UFBA, altinobojr@yahoo.com.br; 2 INRA, claire.lamine@avignon.inra.fr; 3 UFBA, wpjunior86@gmail.com

Resumo: Justifica a pesquisa o fato da Bahia abrigar o maior contingente de camponeses do país, 625 mil, bem como a dimensão alcançada pela agroecologia. Objetivou-se identificar os sujeitos sociais que contribuíram para o movimento agroecológico e construíram experiências, em que se destacaram ações desenvolvidas por entidades e pelo Estado, comparando-as ao ocorrido na França. Nesta pesquisa qualitativa fez-se levantamentos documental e bibliográfico e de campo, entrevistando-se agricultores e técnicos de instituições de ensino, pesquisa e extensão, colhendo-se depoimentos dos que participaram e/ou participam da construção desta alternativa. Conclui-se que a Agroecologia está consolidada na Bahia apresentando ampla diversidade construída pela sociedade civil que desde os anos 2000 tem o apoio do Estado.

Palavras-chave: história; políticas públicas; movimentos sociais; Estado

Abstract: This research is justified by the facts that Bahia have the highest number of peasants of the country (625.000) and that agroecology is gaining space. Our objective was to identify the social actors and the experiences they have constructed within the agroecological movement and to compare with the French situation. In this qualitative research we carried out documentary and bibliographical analysis and interviews with farmers, education institutions, researchers and extensionists. We conclude that Agroecology is consolidated in the Bahia with a large diversity constructed by the civil society and since the years 2000 with the support of the State.

Keywords: history; public policy; social movements; State.

Introdução

A Bahia destaca-se no cenário nacional por contar com 625 mil famílias de agricultores familiares, 14% dos agricultores do país nessa categoria, segundo Santos e Dias (2007). Dado que justifica o objetivo de investigar o movimento agroecológico, buscando entender as origens, os sujeitos sociais das iniciativas/experiências, as ações do Estado e sociedade civil que conformam a pluralidade e diversidade do mesmo, na atualidade. Trabalhou-se com pesquisadora do Institut National de Recherches Agricoles/INRA, da França, que estendeu para a Bahia, estudos comparativos realizados em São Paulo e no Paraná.

1 Professor associado 2 da UFBA, doutor em Sociologia Política e coordenador do projeto do Núcleo Interdisciplinar UFBA de Agroecologia em Rede/AgroredeUFBA, apoiado pelo CNPq.

2 Pesquisadora do INRA/Institut National de la Recherche Agronomique em Avignon, França, trabalhando com a temática do Ecodesenvolvimento.

3 Licenciado em História pela UFBA e ex-bolsista do CNPq.

Resultados e discussões

Antecedentes

O movimento social crítico em prol da mudança do modelo agrícola no Brasil surge em meados dos anos 1970. Costa (2004) destaca diversas iniciativas institucionais e sujeitos sociais que lideraram o movimento social pela agricultura alternativa difundindo os impactos da “revolução verde” e que, através da mobilização política, criaram massa crítica e lançaram a semente da atual agroecologia. A institucionalização inicia com o Projeto Tecnologias Alternativas/PTA da Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional/FASE, no Rio de Janeiro, em 1983, que formulou projeto nacional objetivando identificar soluções alternativas para os camponeses do país, conforme Weid (AS-PTA, 2013).

Na Bahia, as ações alternativas iniciais podem ser sintetizadas em três vertentes. A primeira, prática, iniciada nos idos de 1970 por “malucos alternativos”, segmento classe média que migrou da cidade para o campo, a exemplo da Comunidade Terramater, que iniciou produzindo com base nos princípios da agricultura biodinâmica e hoje produz café orgânico certificado em Sistema Agroflorestal. Outra vertente é a política promovida pela Associação dos Engenheiros Agrônomos da Bahia/AEABA que, em sintonia com entidades nacionais, arregimentou pesquisadores e acadêmicos renomados, promovendo cursos e eventos mobilizadores.

A terceira corresponde ação institucional realizada pelo Projeto Tecnologias Alternativas/PTA, da FASE do Rio de Janeiro, que em 1985 contratou pesquisador da Universidade Federal da Bahia/UFBA e técnico do Movimento de Organização Comunitária/MOC, de Feira de Santana, para realizarem o levantamento de experiências existentes no Estado, cujos dados serviram de base para a criação, em 1989, do Serviço de Assessoria a Organizações Populares Rurais/SASOP, institucionalizando assim as ações de assessoria e apoio aos camponeses no campo da agricultura alternativa na Bahia. O estudo Identificou experiências dispersas de agricultores a exemplo de Waldemar, criador de caprinos em Curaçá, apelidado de “Pesquisador pés descalços” dado seu espírito investigativo e por ter desenvolvido diversas técnicas; também, o Centro de Assessoria do Assuruá/CAA, no município de Xique-Xique e a Associação de Desenvolvimento Sustentável e Solidário da Região Sisaleira/APAEB, que veio a adotar a agricultura alternativa.

Nos anos 1990 foram criadas diversas entidades que alavancaram o movimento agroecológico, registrando-se o surgimento do Grupo de Apoio e de Resistência Rural e Ambiental/GARRA, em 1989, e o Centro de Desenvolvimento Agroecológico do Extremo Sul/TERRA VIVA, que participaram da criação da Rede de Intercâmbio em Agroecologia da Bahia; a produção de alimentos orgânicos pela Comunidade Campina desde 1990; a criação, em 1992, da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável e Solidário da Região Sisaleira, em Valente; em 1994, inicia-se o Assentamento Terra Vista, onde, atualmente, existe curso técnico de Agroecologia e 53 famílias desenvolvem produção agroecológica. Olalde, Almeida e Dias (2003) registram iniciativas individuais e institucionais entre as quais a Fundação Mokiti Okada e Instituto de Permacultura da Bahia de 1992.

Presente

A agroecologia, no presente, sintetiza a diversidade de agriculturas alternativas existentes no país e na Bahia e está institucionalizada como política pública, sendo reconhecida pelo Estado através de legislações e ações dos Governos. Destaca-se, a diferença de compreensão de pesquisadores das universidades e órgãos de pesquisa e extensão que a entendem como ciência; dos governos onde é entendida como política pública; enquanto sindicalistas, associações e entidades a compreendem também como movimento social.

Na atualidade, identificaram-se ações expressivas tanto por parte do Estado quanto da sociedade civil. No plano do Estado registraram-se ações em extensão, pesquisa e ensino. Quanto à Assistência Técnica e Extensão Rural/ATER, a partir de 2011, a Empresa Baiana de Desenvolvimento Rural/EBDA construiu o Plano Estadual elegendo os chamados Quintais Agroflorestais como instrumento para implantação da política que envolve técnicos e agricultores familiares em Territórios do Estado.

Na pesquisa, identificaram-se experiências em três âmbitos. Em Centro da Embrapa pesquisador da área de Entomologia Aplicada desenvolve pesquisas definindo prioridades junto aos agricultores da região de Cruz das Almas e da Escola Família Agrícola, em Tancredo Neves; dentre outras pesquisas sobre agricultura orgânica. Na Universidade Federal do Recôncavo/UFRB são desenvolvidos três projetos de pesquisa sobre extratos vegetais, ecologia de ruminantes e controle biológico; anotam-se, também, pesquisas sobre o solo. Na Estação Experimental de Aramarí, a EBDA realiza experimento de criação de bovinos a pasto e produção de leite orgânico com base na homeopatia.

Na área de ensino identificaram-se dezenas de cursos de nível técnico (médio) e superior. A análise mostrou cenário diversificado, compreendendo desde disciplinas isoladas a curso de especialização. Cursos que integram os princípios agroecológicos com professores qualificados na área; outros, apenas utilizam o rótulo. Destaca-se o programa político do curso oferecido pelo Instituto Federal Baiano de Valença cuja formulação orienta-se por princípios agroecológicos, bem como o curso Tecnólogo em Agroecologia da UFRB. Surpreendeu a existência de em torno de cinquenta cursos de nível técnico (médio) no Estado ministrados por instituições diversas, sendo que vinte oito destes são coordenados pela Secretaria de Educação do Estado. Depoentes indicam a existência de sérios problemas nos cursos técnicos que vão desde o uso do rótulo a professores sem qualificação agroecológica ministrando disciplinas específicas. Quanto ao mestrado promovido pela Universidade do Estado da Bahia/UNEB, em Juazeiro, verificou-se que o mesmo é orientado pelo mercado e por princípios tecnológicos de minimização de impactos.

Em relação à legislação, tramita na Assembléia Legislativa do Estado da Bahia projeto de Lei nº 20.114/2012 para regulamentar a produção agroecológica. Sobre a comercialização identificou-se tanto formas empresarias quanto o comércio justo e solidário realizado por agricultores e praticado por cooperativas como a Rede Moinho, que comercializa produtos de dezenas de agricultores e entidades, promovendo em Salvador feiras livres que acontecem há doze anos.

Conclusões

A pesquisa mostrou que alternativas ao modelo agrícola convencional e capital-intensivo implantado no Brasil foi construída por agricultores baianos desde os anos 1970 e que, no presente, se encontram consolidadas de forma diversificada e espalhada pelos três biomas existentes no Estado. A existência da Articulação Agroecologia Bahia que reúne diversas entidades de assessoria e apoio configura, na prática, o que se afirma acima. São essas entidades que junto a ONGs e movimentos sociais sustentam o movimento político pela agroecologia no Estado e que, paulatinamente, na década de 2000, passou a ser apoiado pelo Estado.

Estudos realizados em São Paulo e no Paraná (ABREU et al., 2011), indicam que o surgimento e desenvolvimento da Agroecologia estão relacionados com interações entre três esferas sociais: os movimentos sociais, o meio acadêmico e as políticas públicas, situação essa que se verifica na Bahia a partir dos anos 2000. Observou-se também diferenças com o que ocorre na França onde o segmento da Agroecologia busca mais recentemente se diferenciar da agricultura orgânica industrializada, aproximando-se dos movimentos da economia solidária. Na Bahia, agricultores alternativos e entidades de assessoria e apoio procuraram ao longo do tempo assegurar a identidade com princípios das correntes alternativas seja da Permacultura, da Biodinâmica e a partir dos anos 2000 com a Agroecologia.

Referências bibliográficas:

- ABREU, Lucimar S. de, LAMINE, Claire, BRANDENBURG, Alfio, BELLON, Stéphane, MAZAROTTO, Angelo A .V.de Sá. Agroecologia, movimento social, ciência, práticas e políticas públicas: uma abordagem comparativa. In: VII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2011, Fortaleza (CE). Impresso.
- COSTA, Manoel Baltasar Baptista. Análise da sustentabilidade da agricultura da região metropolitana da Curitiba pela ótica da Agroecologia. 2004. 306 f. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.
- TERRA VISTA, Blog do. Disponível em: <<http://mstarataca.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 21 jan. 2013.
- ECOLISTA, Cadastro Nacional de Instituições Ambientalistas. Disponível em: <<http://www.ecolista.com.br/ecolista/page/evol/>>. Acesso em: 24 jul. 2013.
- OLALDE, Alicia Ruiz; ALMEIDA, Dirce Gomes de; DIAS, Bruno de. Agricultura Orgânica e agroecologia: construindo caminhos para o desenvolvimento rural sustentável na Bahia. In: Baiardi, Amílcar. A dimensão cultural institucional e a interdisciplinariedade no desenvolvimento local. Cruz das Almas, BA: UFBA/Escola de Agronomia/Programa de Pós Graduação em Ciências Agrárias, 2003.
- SANTOS, Ailton Florêncio; DIAS, Wilson José Vasconcelos. Os desafios e as perspectivas de universalizar a ATER para a agricultura familiar na Bahia. In: **Revista Bahia Agrícola**, v.8, n. 1, p. 59-68, nov. 2007.
- WEID, Jean Marc von der. 30 anos de AS-PTA: uma visão pessoal Parte I – A gênese do Projeto Tecnologias Alternativas. AS-PTA, 2013. Disponível em: <<http://aspta.org.br/2013/05/30-anos-de-as-pta-uma-visao-pessoal-parte-i-a-genesedoprojetotecnologias-alternativas/>>. Acesso em: 24 jul. 2013.